

Se, sob um governo militar, como o do Marechal Hermes, o Brasil assistiu a uma verdadeira epopéia de civilismo, sob o governo civil de Wenceslau Braz, presenciámos empolgante pregação militarista, partida — o que é mais de ressaltar — de elementos civis.

Miguel Calmon, Olavo Bilac e Coelho Neto fundaram, no Rio de Janeiro, a Liga de Defesa Nacional, que encontra, desde logo, os mais calorosos aplausos de tôdas as classes.

“O papel benéfico da Liga no aprestamento do Brasil para a resistência a um inimigo ainda oculto, mas possível, numa época de insegurança exterior e agressões súbitas, de mares sem garantias e fronteiras sem privilégios, de tratados sem validez e postulados jurídicos enfeitados — só pode ser calculado pela atmosfera emocional que produziu” (8).

Sob a propulsão da palavra candente e do entusiasmo de Olavo Bilac, repontam, em todos os recantos do país, os “tiros de guerra”, aos quais acorria a mocidade das escolas, do comércio e das indústrias.

A parada militar de 7 de setembro de 1917 constituiu um triunfo memorável dos propugnadores da campanha.

“Afluiram ao Rio “atiradores” de tôdas as províncias. Representantes de todos os “tiros” estaduais

(8) OLAVO BILAC — *Últimas Conferências e Discursos*, 1924, pág. 84.

marcharam em continência ao Presidente da República. Formara-se, de fato, eficiente e novo, um exército, em cujo entusiasmo pulsava um profundo sentimento de Pátria” (9).

Esse sentimento fôra elevado ao mais alto grau pela ação empolgante de Olavo Bilac, cujo retrato se encontra, por isso mesmo, entronizado nos quartéis e estabelecimentos militares.

E’ dessa fase de propaganda o soneto que abaixo transcrevemos, encerrando êste capítulo (10):

PÁTRIA

*Pátria, latejo em ti, no teu lenho, por onde
Circulo! e sou perfume, e sombra, e sol e orvalho!
E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,
E subo do teu cerne ao céu de galho em galho!*

*Dos teus líquens, dos teus cipós, da tua fronde,
Do ninho que gorjeia em teu doce agasalho,
Do fruto a amadurar que em teu seio se esconde,
De ti, — rebento em luz e em cânticos me espalho!*

*Vivo, choro em teu pranto; e, em teus dias felizes,
No alto, como uma flor, em ti pompeio e exulto!
E eu morto, — sendo tu cheia de cicatrizes,*

*Tu golpeada e insultada, — eu tremerei sepulto:
E os meus ossos no chão, como as tuas raízes,
Se estorcerão de dor, sofrendo o golpe e o insulto!*

(9) PEDRO CALMON — *História Social do Brasil*, cit., pág. 292.

(10) OLAVO BILAC, *Tarde*.

As obras da Cidade Universitária

As grandes medidas preliminares, indispensáveis ao início das obras de construção dos edifícios da futura Cidade Universitária, já estão tôdas em pleno desenvolvimento.

Contratado, no dia 18 de junho do corrente ano, com os Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul, o levantamento aerofotogramétrico das ilhas que deverão integrar a área destinada àquele conjunto universitário, estão as plantas, na escala de 1:1.000 com as respectivas curvas de nível de metro em metro, em vias de conclusão. Dêsse trabalho dependem os posteriores planejamentos urbanísticos e arquitetônicos.

Do mesmo modo, em cooperação com o Ministério da Aeronáutica, prossegue tanto a construção da grande ponte — que, ligando o continen-

te à ilha do Governador, também virá servir à Cidade Universitária, constituindo a primeira das suas três futuras vias de acesso — como ainda o expediente relativo à desapropriação da área alodial da ilha do Fundão.

Presentemente, por intermédio do Diretório Central de Estudantes da Universidade do Brasil, procede-se a um amplo inquérito abrangendo as condições morais, intelectuais, econômicas e sanitárias da população estudantil, avaliada em cerca de 6.240.

Mais um passo de vulto acaba de ser dado com a assinatura de um contrato com a Cia. Nacional de Construções Civas e Hidráulicas, da Organização Henrique Lage, ora incorporada ao Patrimô-

nio Nacional, para as grandes obras de saneamento e atêrro das referidas ilhas.

Prevê o aludido contrato a execução inicial de um milhão de metros cúbicos de atêrro hidráulico, a ser efetuado com areias dragadas dos baixios das imediações. Posteriormente, à medida das possibilidades econômicas, serão êsses trabalhos estendidos até se completar o plano geral, do qual resultará, para a Universidade, um área útil de quase cinco milhões de metros quadrados.

Foi fixado um nível médio para os terraplenos, de 3,20 acima do zero hidrográfico, equivalente à cota de 2,67 acima do rio das cartas batimétricas da Diretoria de Navegação. As áreas mais baixas da futura Cidade Universitária ficarão, dêste modo, 80 centímetros acima do nível das marés máximas, ou seja, 1,40 acima do nível médio.

Os aterros projetados farão desaparecer os canais que separam as nove ilhas destinadas à Universidade, canais êsses excessivamente rasos a ponto de não interferirem com o regime de correntes da baía, nem tão pouco com a navegação, que dêles não se utiliza. Êsses aspectos do problema foram, aliás, objeto de um estudo favorável do Professor Maurício Joppert, catedrático de Portos, Rios e Canais da Escola Nacional de Engenharia, desta Capital.

O volume provável dos terraplenos atingirá a 4.941.600 metros cúbicos e deverá absorver três anos de trabalho.

Esta última circunstância, porém, não impedirá o imediato início das obras de edificação própria-mente ditas, porquanto as vastas áreas da ilhas permitirão a realização simultânea das construções e dos aterros.

Na verdade, a prévia execução da ponte, já iniciada, e do atêrro, agora — atêrro êste que, desde logo, constituirá uma faixa de 300 metros de largura unindo as ilhas do Fundão, Pindaí do França, Pindaí do Ferreira, Bom Jesus e Sapucaia — proporcionarão as melhores condições possíveis para o início das obras de edificação, graças às facilidades de acesso do pessoal operário e do material por via terrestre, independentemente do transporte marítimo.

Ao ato de assinatura do contrato referido, que teve lugar na Divisão de Edifícios Públicos do D.A.S.P., estiveram presentes os engenheiros: Alberto de Melo Flôres, Diretor do Serviço de Obras do Ministério da Aeronáutica, Jorge Oscar de Melo Flôres, Diretor da Divisão de Edifícios Públicos do D.A.S.P., Luís Hildebrando de B. Horta Barbosa, Chefe do Escritório Técnico da Cidade Universitária, Maurício Joppert da Silva, catedrático da Escola Nacional de Engenharia, Domingos de Sousa Leite, Artur Rocha, Galba de Boscoli e Álvaro Brandão Cavalcânti, diretores e engenheiros da Cia. Nacional de Construção Civis e Hidráulicas.

Serviço de Documentação do D. A. S. P.

Novo diretor

Por decreto assinado em 26 de setembro último, foi exonerado, a pedido, do cargo em comissão de Diretor do Serviço de Documentação do D. A. S. P., o Prof. Alfredo Nasser, que o vinha exercendo desde a criação do referido Serviço, em 22 de julho de 1942, pelo Decreto-lei n.º 4.506.

Havendo sido incumbido pelo Presidente do D. A. S. P., da elaboração de importante documento, no qual se fará um estudo completo sobre o D. A. S. P. e suas atividades, o Prof. Alfredo Nasser julgou necessário, para se consagrar inteiramente a essa tarefa, afastar-se da direção do Serviço de Documentação, função esta que, pela sua própria natureza, exige grande dispersão de atenção por parte de seu responsável, não lhe permitin-

do, portanto, a concentração indispensável à boa execução de trabalho daquele gênero.

À frente do Serviço de Documentação, o Professor Alfredo Nasser prestou relevantíssimos serviços ao D. A. S. P. e ao país, imprimindo a êsse setor administrativo, sobretudo, o caráter de uma verdadeira casa editôra, com a finalidade de pôr à disposição do público interessado a maior soma possível de informações referentes à administração pública e ao emprêgo de métodos racionais de trabalho para aumentar-lhe a eficiência. Professor do primeiro curso de Documentação jamais levado a efeito no Brasil, pelo menos de que tenhamos conhecimento, foi o divulgador de um conceito novo de documentação administrativa, pelo qual essa atividade é considerada não apenas uma sim-